



FÉ, CLIQUES E VOTOS: EFEITOS DE SENTIDO DA IDEOLOGIA NEOLIBERAL NO DISCURSO RELIGIOSO

Samuel Barbosa Silva¹

Início esta apresentação textual agradecendo a Evandra Grigoletto, Silmara Dela-Silva e Solange Gallo pelo acolhimento desta proposta de trabalho, que é um recorte de análise do *corpus* discursivo do meu projeto de pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, sob a supervisão do professor Doutor Sóstenes Ericson, a quem estendo os meus agradecimentos. Dito isto, analiso a publicação postada na rede digital “X”, que é datada de 15 de junho de 2025, no perfil do governador de São Paulo - Tarcísio de Freitas - em que ele escreve no mural digital o seguinte: “É por meio da obediência que conseguimos experimentar o poder de Deus. Um domingo abençoado a todos!” e anexo a publicação há um vídeo de 52 segundos com trechos de uma mensagem bíblica pregada por ele na Igreja Assembleia de Deus do Brás em 2025 que diz o seguinte:

"Deus estabelece uma aliança com Abraão, a aliança abraâmica, quando ele fala: saí da sua casa, sai da sua parentela, sai da casa do seu pai. Pra onde? Não importa! Eu vou te mostrar o caminho, eu vou te abençoar. Que que abraão fez? obedeceu. Deus fez essa aliança com Moisés: Vai lá, liberta meu povo do faraó. Quem sou eu pra libertar meu povo? Que que Deus responde pra ele? Eu sou contigo! Obediência. Tem uma segunda característica da promessa: dependência, impossibilidade. Deus é o Deus do impossível. Só que Deus é o Deus do impossível e fala pra gente: faça o possível, o impossível deixa comigo que eu realizo".

Neste recorte do *corpus* de análise, tive por objetivo analisar como o discurso político brasileiro de direita ao ser atravessado pelo discurso religioso cristão fundamentalista contribui na construção discursiva (Orlandi, 2023) para manutenção da ideologia neoliberal (Guilbert, 2020) através das redes sociais digitais para instrumentalizar e disciplinar (Foucault, 1975) os sujeitos com o objetivo de manter a (des) ordem do modo de produção social capitalista.

A sociedade em redes é uma prática humana antiga, todavia, com o advento do digital e a internet associados às diferentes materialidades tecnológicas no capitalismo contemporâneo, a atual sociedade consiste em uma outra massa de usuários, isto é, “a do enxame digital [...] entre usuários singularizados pelas mídias digitais” (Grigoletto; Galli, 2021, p. 236).

¹ Doutor com estágio pós-doutoral ambos em Linguística (IFCE). E-mail: samuelbarbosa@ifce.edu.br . Mantive a integralidade do texto que apresentei no Simpósio VIII “Mídias, Tecnologias e Práticas Políticas”, coordenado pelas professoras Evandra Grigoletto, Silmara Dela-Silva e Solange Gallo. A partir das contribuições no debate deste simpósio, uma versão complementar e ampliada deste texto está sendo produzida em formato de artigo para ser publicado no primeiro trimestre de 2026.



Nesse sentido, a fala do governador Tarcísio de Freitas articula, de modo estratégico, as formações discursivas política e religiosa, em uma enunciação que se ancora na memória bíblica e se atualiza sob a lógica da visibilidade digital. Como observa Pêcheux (1988, p. 160), “*todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações ideológicas*”, e é justamente nesse entrelaçamento entre fé e política que se revela a força ideológica dessa fala.

A formulação “é por meio da obediência que conseguimos experimentar o poder de Deus” produz um efeito de naturalização da submissão como virtude, deslocando o campo da ação coletiva para a moral individual. Trata-se de um discurso que, à primeira vista, tem caráter devocional; entretanto, ao ser proferido por uma autoridade política e circulado nas redes digitais, adquire estatuto de **discurso político-religioso**, que atua sobre o imaginário social, construindo a figura do governante como mediador entre o divino e o povo.

Como afirma Orlandi (2007, p. 44), “*o discurso é lugar de constituição do sujeito e de produção de sentidos*”. O sujeito que enuncia — o governador — ocupa simultaneamente duas posições ideológicas: a do **líder político** e a do **pregador cristão**. Esse deslizamento de posições cria o efeito de “governante ungido”, figura que, ao invocar a obediência a Deus, legitima a obediência à própria autoridade política.

As condições de produção desse discurso são atravessadas por fatores sociais, econômicos e históricos. Com a intensificação da agenda neoliberal — marcada por privatizações, austeridade fiscal e precarização do trabalho — e a expansão do poder político das igrejas evangélicas, sobretudo as de orientação neopentecostal, Tarcísio de Freitas, aliado à direita cristã e à base bolsonarista, insere-se nessas condições de produção em que a fé se torna instrumento de legitimação política.

A enunciação do governador é, portanto, o ponto de encontro entre **duas formações discursivas**: a **religiosa cristã conservadora**, marcada pela ideia de submissão à vontade divina, e a **política neoliberal**, centrada na responsabilização individual e na meritocracia. Como nos lembra Dela-Silva, “são das diferentes formações discursivas a que se filiam os discursos e que levam à compreensão do modo como um processo discursivo se constitui” (Dela-Silva *et al.*, 2022, p. 77). Assim, esta discursividade não se trata de uma escolha pessoal, mas a atualização de uma rede de dizeres que circulam nas esferas política e religiosa contemporâneas.

Ao dizer “faça o possível, o impossível deixa comigo”, o governador enuncia uma versão espiritualizada da racionalidade neoliberal. O sujeito é convocado a agir dentro de seus limites — o “possível” — enquanto o sucesso é transferido à intervenção divina. Essa estrutura discursiva reflete o deslocamento característico do neoliberalismo: a substituição da responsabilidade social coletiva pela autogestão individual. Em outras palavras, o neoliberalismo fabrica subjetividades empreendedoras, que se reconhecem como responsáveis únicas por seu fracasso ou sucesso”, tornam-se sujeitos objetificados e expropriados de seus direitos pelo capital (Ericson, 2019).

Desse modo, o discurso religioso reforça o imperativo neoliberal da autossuficiência, recoberto por uma moralidade cristã. A ideologia se faz sentir justamente nesse ponto de sutura entre o econômico e o



espiritual. Marx (2007, p. 94) já advertia que “*as ideias dominantes de uma época são as ideias da classe dominante*”, e aqui vemos como o discurso da fé se torna veículo para a reprodução simbólica da ordem capitalista. A promessa de prosperidade divina opera como compensação moral diante da precariedade material.

O discurso religioso-político se inscreve em uma **memória discursiva** marcada por enunciados de submissão e sacralização da autoridade, que remontam tanto à tradição católica colonial quanto às práticas neopentecostais contemporâneas. O eco dessas memórias é o que confere ao enunciado sua aparente naturalidade: o público reconhece a lição de Abraão e Moisés não apenas como metáfora religiosa, mas como modelo de conduta moral e social.

No entanto, há um apagamento ideológico que significa nestes dizeres. A história bíblica de Moisés é, na verdade, uma narrativa de libertação de um povo oprimido, um gesto de enfrentamento do poder faraônico — símbolo da tirania e da exploração. Ao recontar essa história sem mencionar a libertação, há um **apagamento ideológico**: retira da memória o conflito e conserva a obediência, isto é, há um apagamento das contradições para garantir a coerência do sentido dominante. Ao mesmo tempo silencia-se a desigualdade, o desemprego, a violência de Estado — pois, torna-se o fundamento do discurso de obediência.

Desse modo, nas redes sociais digitais se intensificam o efeito de homogeneização discursiva, transformando enunciados religiosos e políticos em conteúdos afetivos compartilháveis. Quando Tarcísio posta sua fala no X, ele desloca o discurso do espaço litúrgico para o espaço algorítmico, onde o sentido é governado pela lógica do engajamento. A obediência deixa de ser apenas conteúdo religioso e passa a ser **produto simbólico**, circulando como slogan moral entre seguidores e apoiadores.

Esse movimento demonstra como o discurso político-religioso se ajusta à racionalidade neoliberal: tudo se torna conteúdo, tudo se torna capital — inclusive a fé. Como afirma Orlandi (2007, p. 78), “a linguagem é lugar de luta, mas também de captura”. No ambiente digital, essa captura é mediada pelos algoritmos, que selecionam, hierarquizam e amplificam determinados dizeres, funcionando como **máquinas ideológicas** contemporâneas.

Nesse ponto, a obediência deixa de ser apenas teológica e torna-se digital. O fiel é agora também seguidor; o culto é feed; o amém é curtida. A fé circula sob as regras da visibilidade neoliberal, em que cada interação é uma moeda e cada enunciado, uma mercadoria. A circulação do discurso político-religioso nas redes digitais amplia seus efeitos ideológicos e redefine sua materialidade discursiva. Ao postar seu sermão em formato de vídeo e sintetizar a mensagem em uma frase de efeito, o governador adapta sua fala às condições de produção do ambiente digital, em que os sentidos se constroem sob a lógica da instantaneidade, da afetividade e da visibilidade. Em outras palavras, as redes digitais não apenas mediam o discurso, mas produzem novas condições de discursivização, instaurando formas de subjetivação compatíveis com o neoliberalismo.



Nesse espaço, o discurso político-religioso opera como conteúdo performático, moldado pela economia da atenção. O algoritmo se torna uma nova instância de poder discursivo: ele seleciona, hierarquiza e amplifica enunciados que mobilizam afetos morais, gerando engajamento e legitimidade simbólica. Orlandi (2023, p. 41) lembra que “a circulação é constitutiva do discurso; ela reconfigura os sentidos e redefine os sujeitos”. Assim, a postagem de Tarcísio não é apenas uma repetição de um sermão religioso: é um gesto político-digital que inscreve a fé na lógica do mercado comunicacional.

É nesse contexto que se manifesta também o fenômeno do **narcopentecostalismo**, entendido aqui não apenas como relação entre religião e economia ilícita, mas como **formação ideológica que articula fé, poder e capital**, instaurando uma moralidade do lucro sagrado e da obediência como virtude mercantil. O narcopentecostalismo, nessa leitura discursiva, designa o **modo de produção simbólica** em que a retórica evangélica se funde com o capitalismo financeiro e com a lógica da expansão territorial — seja ela material (nas favelas, no campo, nas instituições) ou simbólica (nas redes digitais).

Nesse sentido, a postagem de Tarcísio pode ser lida como um ato de atualização discursiva do narcopentecostalismo: o Estado se funde com o púlpito, e o governante se apresenta como mediador entre Deus e o mercado. A mensagem “faça o possível, o impossível deixa comigo” mobiliza um imaginário de fé empreendedora, no qual a salvação e o sucesso são resultados de esforço e submissão — valores perfeitamente compatíveis com o imaginário neoliberal. Como afirma Marx (2013, p. 92), “as relações sociais assumem a forma de relações entre coisas”, e, no capitalismo contemporâneo, essas “coisas” também incluem as palavras e os afetos religiosos.

O discurso político-religioso funciona, portanto, como uma **mercadoria discursiva**, cuja circulação reforça a hegemonia ideológica da classe dominante. Ele não apenas reproduz a lógica da obediência espiritual, mas reconfigura o espaço público em torno de uma moral de consumo afetivo: o cristão neopentecostal-seguidor compartilha a postagem não apenas porque crê, mas porque **performar a fé** se tornou ato de pertencimento político.

A fé, tornada conteúdo, ganha valor econômico e político. As curtidas, visualizações e comentários não são simples interações: são formas de **trabalho simbólico** que geram capital social e legitimidade eleitoral. O “domingo abençoado” é, ao mesmo tempo, uma saudação religiosa e um dispositivo de engajamento, que transforma o fiel em trabalhador gratuito da difusão ideológica. Como aponta Orlandi (2007, p. 65), “o discurso se realiza entre a memória e a atualidade, e é aí que a ideologia trabalha”. A memória bíblica de Abraão e Moisés é mobilizada no presente para sustentar a ideologia da submissão e da fé como mérito. Esse gesto discursivo é o que Pêcheux (1988, p. 82) define como “movimento de repetição que produz o novo na forma do mesmo”: o discurso parece atualizar-se, mas apenas reinscreve a ideologia dominante sob outra aparência.

A obediência pregada por Tarcísio não é apenas espiritual: é política. Ela se dirige a um povo exausto pelas contradições do capitalismo periférico, oferecendo uma saída simbólica em lugar de uma transformação material. É exatamente essa unidade imaginária — a do “povo de Deus” — que o discurso



político-religioso reforça, apagando as divisões de classe e legitimando a desigualdade como desígnio divino.

No ambiente digital, o narcopentecostalismo funciona como **máquina de subjetivação coletiva**. Ele transforma o sujeito precarizado em sujeito fiel e produtivo, o fracasso em prova espiritual e a submissão em liberdade moral. O fiel não apenas obedece: ele quer obedecer, porque a obediência o faz sentir parte do espetáculo da fé e da nação. Esse espetáculo é também político. O uso do púlpito pelo governador constitui uma forma de **teatralização do poder**, na qual o corpo do governante é investido de aura religiosa. A cena do culto, replicada na rede, cria o efeito de líder messiânico. Pêcheux (1988, p. 162) assinala que “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos, constituindo-lhes uma evidência de si”. Assim, o seguidor digital, ao assistir e compartilhar o vídeo, se reconhece no papel de fiel obediente, confirmando a interpelação.

Orlandi (2007, p. 77) lembra que “a ideologia não é algo que se tem, mas o modo como o sujeito se constitui”. O sujeito que compartilha o discurso de Tarcísio não é apenas receptor: é produtor de sentido e de ideologia. O ato de retuitar, curtir ou comentar é uma forma de repetição discursiva que reforça a cadeia ideológica. O digital, portanto, não é mero canal; é espaço de produção ideológica.

A fé, assim como o consumo, é quantificada: mede-se o valor do sagrado pelo número de visualizações. O discurso de Tarcísio é eficaz porque se ajusta a essa economia simbólica, oferecendo um produto moral que pode ser compartilhado, comentado e monetizado. A fusão entre neoliberalismo e religião, amplificada pelas redes, configura o núcleo ideológico do narcopentecostalismo. No capitalismo neoliberal brasileiro, o discurso religioso é o **espírito de uma política** — uma política da fé, que substitui a luta por direitos pela promessa de bênção e pela retórica da superação individual.

Em suma, o discurso digital na postagem do X, realizada pelo governador Tarcísio de Freitas, materializa discursivamente a articulação entre **neoliberalismo, fé e tecnologia digital**. Ele transforma o púlpito em palanque, o fiel em eleitor e o like em profissão de fé. A análise discursiva mostra que a obediência não é mero tema moral, mas há o funcionamento ideológico de um projeto político que busca, pela linguagem da fé, garantir a continuidade da ordem capitalista sob a forma de redenção.

REFERÊNCIAS

DELA-SILVA, Silmara *et al.* **Análise de discurso**: uma introdução. Niterói: Eduff, 2022.

ERICSON, S. Desalento: efeito de sentido da ofensiva neoliberal sobre o trabalho. **Entremeios** - Revista de Estudos do Discurso, Pouso Alegre, v. 20, n. esp. Dossiê “Língua, discurso e trabalho na contemporaneidade”, p. 45-60, dez. 2019.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

GRIGOLETTO, E.; GALLI, F. C. S. O funcionamento discursivo das Hastags: processos de (des) identificação ou aderência. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SILVA SOBRINHO, H. F. (org.). **Ousar se revoltar**: Michel Pêcheux e a análise de discurso no Brasil. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

GUILBERT, T. **As evidências do discurso neoliberal na mídia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.



MARX, K. **A ideologia alemã**. São Paulo, Boitempo, 2007.

MARX, K. **O Capital**: Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, E.P. **Argumentação e Análise de discurso**: conceito e análise. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcineli Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.